

PROFESSORES DE ESPERANÇA

ÚLTIMO EDITORIAL

DIRETORIA

Aqui encerramos um ciclo. Durante quase uma centena de vezes, o **Jornal da AdUFRJ** circulou com os nossos editoriais. Levaremos para sempre essa experiência, que poderia ter sido apenas muito interessante, mas que a pandemia transformou em um dos momentos mais marcantes de nossas vidas. Dividimos com a equipe de Comunicação a angústia diante do que nos era completamente desconhecido. A pandemia alterou de modo profundo e radical nossas formas de socialização, de trabalho e de participação política. A rigor, a nossa existência como sindicato se deu por aqui. As páginas de cada edição contaram em detalhes nossas ações, opiniões e reivindicações. As inúmeras e tristes despedidas daqueles que se foram e as alegrias por celebrarmos em cada número alguma conquista, pesquisa ou ação dos professores da UFRJ testemunharam quem somos, o que fomos e o que poderemos ser.

Durante todas as semanas fomos obrigados a repetir as piores notícias sobre a universidade pública, a Educação em geral e a desastrosa política de destruição nacional posta em movimento pelo governo federal. Não temos registro na história do país de ações tão sistemáticas e explícitas que afrontassem de forma tão direta as instituições nacionais, e que declarassem seus projetos autoritários, como o que vivenciamos nesse período. Buscamos espelhar nas páginas deste jornal o nosso compromisso inarredável em defesa da vida e da democracia, em defesa da Ciência e da Cultura, da liberdade e da autonomia universitária. Contra o brutalismo negacionista, nos mantivemos firmes na defesa dos princípios que regem e sustentam a vida acadêmica. Afinal, esse sempre foi o nosso maior projeto: que o jornal fosse cada vez mais um porta-voz dos professores da UFRJ, muito mais do que um instrumento da diretoria.

Para os que virão, desejamos não só sorte, mas ânimo e determinação para enfrentarem um outro desafio. Se nós não tínhamos a menor ideia de como seria fazer um sindicato funcionar integralmente em modo remoto,

cabe à próxima gestão nos conduzir a uma nova vida presencial, com todos os desafios que ela contém. O cenário que se apresenta é o pior possível, com o escandaloso corte de verbas para o fomento à Ciência, que, se não for revertido, nos levará a um acelerado desmonte da vida científica brasileira. Entretanto, o dado novo é o desgaste e o isolamento político do governo federal. Bastante diferente do que havia há dois anos, quando tomamos posse. Isso não foi à toa e aumenta nossas chances de reversão de um quadro que seja menos desalentador e permita uma possível derrota no Congresso da PEC 32.

Como um mantra, concluiremos o nosso mandato reafirmando a urgência das ações unitárias, das construções coletivas, dos gestos solidários.

Como um mantra, concluiremos o nosso mandato reafirmando a urgência das ações unitárias, das construções coletivas, dos gestos solidários. A vida sindical ainda pode ser um potente antídoto ao hiperindividualismo que enfrentamos, os laços comunitários podem ser o remédio de que tanto precisamos contra o isolamento e a solidão que nos confina. E o nosso jornal pode ser também um exemplo vigoroso e potente na era da pós-verdade, retomando valores fundamentais para o fazer jornalístico, consolidando uma relação de confiança e de credibilidade com o seu público.

À equipe de Comunicação da AdUFRJ, nossos enormes agradecimentos pelas lições de profissionalismo, pelo compromisso que muitas vezes atravessou o mero cumprimento do dever, que faz com que alcancemos hoje a incrível marca de 1.200 edições. E, principalmente, aos que nos leram até aqui, em especial aqueles que além de leitores foram críticos e parceiros, construindo com suas sugestões um jornal cada vez melhor, o nosso afetuoso muito obrigado, porque foram e sempre serão o sentido maior de todo esse trabalho.

DESPEDIDA DA DIRETORIA

UNIDOS PELA
UNIVERSIDADE

PEDRO LAGERBLAD DE OLIVEIRA

Professor do Instituto de Bioquímica Médica e 1º secretário da AdUFRJ (2019-2021)



Difícil fazer um balanço desses dois anos da associação sem de alguma forma misturar com os sentimentos gerados por um período tão singular da vida do país e do mundo. A pandemia colocou desafios inusitados ao movimento docente. Mas, na maioria das vezes, acho que reagimos bem. Olhando para trás, o sentimento é contraditório. Dei mais tempo à AdUFRJ do que havia planejado no início, mas menos do que seria necessário.

Bem no início da pandemia, na nossa última assembleia presencial, alguns colegas defenderam a realização de uma manifestação presencial, sustentando que deveríamos ter coragem, ou, ainda, que a pandemia era uma invenção do neoliberalismo global. Ali, a nossa vinculação com uma base de apoio com forte lastro na academia e na comunidade científica foi o diferencial que permitiu diagnosticar, ainda no início, o tamanho do problema. Esse momento ilustra o papel da base social da diretoria na forma de trabalhar e na tomada de decisões.

Mais adiante trabalhamos para organizar o trabalho remoto, não para impedi-lo como alguns propunham naquele momento. Nos esforçamos para dar suporte às mais diversas iniciativas comunitárias de apoio a segmentos desprotegidos. Criamos encontros virtuais de docentes na forma do “tamo junto”, uma *happy hour* virtual onde se discutia política e conjuntura.

Como diretoria, conseguimos manter uma coesão interna muito boa, eu acho, especialmente nas condições em que tivemos de trabalhar. Não posso deixar de fazer uma referência especial que estar na diretoria me permitiu um contato maior com a Eleonora, colega de militância clandestina no tempo da ditadura, ainda no movimento secundarista.

Dentro da diretoria, dividimos as frentes de trabalho. Acho que fui um misto de idoso com “café com leite”... e os demais carregaram mais o piano do dia a dia do sindicato. Mas, nesse último ano, me envolvi com duas iniciativas que deixei inconclusas, o que não é um bom sentimento.

Uma delas foi estabelecer uma negociação com a reitoria que tem feito progressos pequenos e lentos, na verdade sem grandes desfechos positivos já há quase um ano de conversas. Avançamos na definição das questões, no levantamento dos problemas e identificação dos docentes que têm demandas e pendências. Infelizmente, progressos de fato têm acontecido por conta dos processos judiciais que temos ganhado quando o diagnóstico do nosso jurídico é que o caminho administrativo está esgotado. Processar a UFRJ não é um bom sentimento. Mas acho que a questão está encaminhada para ser reformulada na próxima gestão.

A outra frente que me envolvi nesses



últimos períodos foi a de tentar criar um espaço de discussão plural e não sectário sobre a Ebserh. A condução de parte dos movimentos sociais na UFRJ nessa questão, de organizar “debates” monotônicos com mesas compostas de quem é contra a Ebserh, debatendo com alguém muito contra, não contribui. Não é razoável, nem democrático, ignorar que todas as unidades hospitalares pedem novamente para reabrir a discussão do tema, por não enxergarem solução viável no futuro próximo. Ignorar uma parte expressiva da universidade, a maioria documentada nos conselhos acadêmicos do CCS, que entende que esse é o caminho, não me parece aceitável. Rotular como privatistas colegas que têm a vida dedicada à saúde pública e militância ligada à história do SUS é, no mínimo, injusto. A criação do “hotsite” dedicado ao tema para oferecer informações qualificadas e

uma tribuna para um debate plural foi um caminho, mas ainda não deslançou como ferramenta efetiva de discussão.

Mas a maior frustração desses dois anos é perceber que, embora tenhamos oferecido alguma resistência e que a opinião pública tenha muitas vezes se posto ao nosso lado, esse período foi de grande retrocesso para universidade, para a Ciência e para a Cultura no país.

Faço 60 anos poucos dias depois da posse da nova diretoria, e, embora eu nunca tenha largado o “chão da fábrica” (meu laboratório e os alunos), a sensação de retorno, de ciclo fechado é inevitável e inspira a busca de uma fase nova concentrada no meu círculo próximo, mas mantendo o vínculo com o movimento docente e a AdUFRJ, que seguirá sendo um porto seguro e um canal de participação e de escuta essencial no próximo ano.

AdUFRJ

CONVITE

Posse da Diretoria e do Conselho de Representantes Biênio 2021-2023

SEXTA-FEIRA | 15 DE OUTUBRO DE 2021 | 18H

COLÉGIO BRASILEIRO DE ALTOS ESTUDOS DA UFRJ
AV. RUI BARBOSA, 762 | FLAMENGO | RIO DE JANEIRO

Atendendo ao protocolo de segurança sanitária, é obrigatório o uso de máscara. A cerimônia será transmitida simultaneamente em três salões a fim de cumprirmos as regras de distanciamento social.

Você também pode assistir de casa no youtube.com/adufrj ou facebook.com/adufrj

JACKSON MENEZES

Professor UFRJ Macaé e 2º tesoureiro da AdUFRJ (2019-2021)



A experiência de ser diretor da AdUFRJ é muito gratificante e nos ensina bastante. Especialmente nossa gestão, que foi marcada pela pandemia. Se, por um lado, a pandemia limitou nossa atuação, por outro lado, nos ensinou bastante. O ponto que mais me marcou foi a capacidade do corpo social da UFRJ em se organizar para suprir a demanda de atendimento da população durante a pandemia (serviços sociais, voluntariado, hospitais, atendimento psicológico etc) e, em especial, a capacidade dos alunos, técnicos e docentes em se adaptarem ao ensino remoto emergencial. Tivemos que ter muita força para manter a mobilização sindical mesmo

de forma remota.

Lidar com as atrocidades do atual governo em meio à pandemia, quando familiares, amigos, conhecidos, alunos e colegas de trabalho perdiam suas vidas, não foi nada fácil.

Diante de tantas perdas, me vi obrigado a me dedicar ao trabalho voluntário de diagnóstico da covid-19 na população macaense. Um momento emocionante foi quando não tínhamos mais material para trabalhar e a AdUFRJ não mediu esforços para conseguir materiais, garantindo desta forma a continuidade do diagnóstico da população de Macaé.

Estarei sempre à disposição da causa trabalhista dos docentes da UFRJ.



CHRISTINE RUTA

Professora do Instituto de Biologia e 2ª vice-presidente da AdUFRJ (2019-2021)



Chegar ao fim de um projeto como um mandato na AdUFRJ é sempre um momento contraditório. Agradeço aos meus colegas de diretoria e aos funcionários da AdUFRJ pelas longas horas que trabalhamos juntos. Há, ao mesmo tempo, uma frustração de não ter feito tudo que planejei, tudo que sonhei fazer e também um sentimento de realização pelos projetos terminados. Cada tarefa realizada eu queria ter multiplicado por algum fator: ir mais a Brasília e atuar no Congresso, realizar muitas projeções Brasil afora, afirmando a universidade pública, produzir muitos vídeos sobre o trabalho das

professoras e dos professores, ao som da voz de Elza Soares e de outros nomes maravilhosos da música brasileira. Ao mesmo tempo, há uma enorme sensação de alívio, de dever cumprido, de ter empregado uma grande energia no projeto AdUFRJ durante a pandemia, de ficar mais longe do Zoom e das longas reuniões de planejamento e de discussão. Mas, de toda forma, reúno o que há de melhor na soma destas contradições e envio todos os meus melhores pensamentos para a próxima diretoria: que eles façam melhor o que nós fizemos e que realizem tudo o que não pudemos realizar.



ENTREVISTA | ELEONORA ZILLER, PROFESSORA DA FACULDADE DE LETRAS E PRESIDENTE DA AdUFRJ

“ESTAR EM SALA DE AULA É MEU GRANDE PROJETO POLÍTICO”



SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

A presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, despede-se de seu mandato de dois anos com muitas alegrias e algumas frustrações por ter atravessado uma gestão quase integralmente remota. Nesta entrevista, ela relembra as motivações de assumir a gestão sindical e comemora, neste 15 de outubro, o retorno à pesquisa, após o fim do mandato. “Como presidente, poderia me afastar da sala de aula, mas optei por reduzir a pesquisa neste período. Eu passo mal se sair de sala”, afirma.

● **Jornal da AdUFRJ - Em que momento decidiu compor a chapa para a diretoria? Como aconteceu o convite para ser presidente?**

■ **Eleonora Ziller** - Eu fui para uma assembleia para preparar o 15M de 2019. Tinha acabado de voltar do meu pós-doutorado, na Itália. Com a eleição do Bolsonaro, estava muito convicta de que nós precisávamos intervir com força total. Comentei com algumas pessoas que me candidataria ao Conselho de Representantes. A notícia se espalhou como rastilho de pólvora e, de conselheira, aceitei integrar a diretoria. Eu já conhecia a Christine Ruta, dos projetos de extensão, e também o Josué Medeiros. A gente trouxe o Pedro Lagerblad, uma referência para mim desde o movimento secundarista. Ainda não conhecia o Felipe. O Jackson e o Marco Dantas chegaram depois. A decisão pela presidência foi uma conversa entre a chapa. Qualquer um de nós poderia assumir o cargo. O que pesou na escolha do meu nome foi a ideia de que o período de turbulência política seria muito difícil e eu era a que tinha mais experiência. Atuei no SINTUFRJ, direção da Faculdade

de Letras, Conselho Universitário...

● **Você assumiu como uma das tarefas prioritárias aumentar a participação dos professores e unificar o movimento docente. Que balanço faz em relação a esses temas?**

■ Considerando a pandemia e a tragédia que se abateu sobre nós, acho que, de fato, conseguimos ampliar essa participação. No início da pandemia, tivemos um crescimento muito significativo nas reuniões do Conselho de Representantes e em todas as atividades que realizamos. Pouco antes da pandemia, enviamos a maior delegação da história da AdUFRJ para o congresso do Andes e conseguimos um aumento de 40% no quórum da eleição para a diretoria do sindicato nacional. E também o maior quórum da história num processo de sucessão da diretoria de nossa entidade. Em relação à unidade do movimento, eu me sinto um pouco fracassada. Meu sonho era concluir o mandato ao menos com um debate sobre uma possível chapa unificada para combater o governo Bolsonaro. Era um momento em que a gente deveria ter

recuado das nossas divergências. Mas a eleição acabou sendo muito polarizada.

● **Qual o maior impedimento causado pela pandemia?**

■ A impossibilidade de falarmos com quem não estava na nossa rede. Nós não tivemos como atingir o professor que não recebe ou que não abre nossos e-mails. Houve um esforço grande de comunicação, mas a pandemia nos condenou à bolha. São mais de mil professores contratados nos últimos anos, não sabemos o que eles pensam de nós. Então, não ter conseguido chegar até esses professores é uma das grandes frustrações.

● **Qual o momento mais importante na diretoria?**

■ A mobilização do 14 de maio deste ano. A UFRJ foi a primeira universidade do Brasil a fazer um grande ato presencial contra a política do governo. Abraçamos a iniciativa do DCE, com todos os cuidados, apesar de todo o medo. Foi um momento muito marcante, em que todas as entidades da UFRJ estavam presentes contra os cortes orçamentários. Foi muito impactante estarmos todos juntos e na praça!

● **Como avalia a resistência dos movimentos organizados em relação aos projetos do governo federal?**

■ Quando eu penso em tudo o que aconteceu, nas mais de 600 mil mortes... A condução política desse governo foi assassina. É difícil um cálculo exato, mas com certeza foram dezenas de milhares de mortes que, seguramente, poderiam ter sido evitadas. Há um cansaço profundo em relação a toda essa devastação, mas o projeto de

Bolsonaro é muito pior do que aquele que se instalou. Nós conseguimos segurar muita coisa, principalmente a implantação total de um regime autoritário. O Future-se, que não saiu do papel, e a aprovação do Fundeb são exemplos da importância de nossa luta unitária. Agora temos a batalha da PEC 32. Precisamos ter força para impedir sua aprovação, ou destruirão o que resta de serviço público no país.

● **Como foi ser professora universitária e dirigente de um sindicato docente?**

■ Como presidente, poderia me licenciar e me afastar da sala de aula, mas optei por reduzir a pesquisa neste período. Eu passo mal se sair de sala. Eu tenho dado minha carga completa de turmas. São quase 200 alunos. Tenho tido momentos muito emocionantes com eles, apesar de todas as limitações. Minhas turmas são de disciplinas do terceiro período, então, eles nunca se viram presencialmente e não têm experiência dessa maravilha que é a vida universitária. Estar em sala de aula é o meu grande projeto político. É lá que está a nossa esperança. É ali que estamos construindo o futuro.

● **Qual será sua vida pós-AdUFRJ?**

■ Eu estou fortemente comprometida com minha vida acadêmica, que várias vezes deixei em segundo plano, principalmente nos oito anos em que fui diretora da Letras. Então, estou me reorganizando para essa nova fase da minha vida e concluir muitos projetos começados. Uma fase que eu preciso e quero muito viver. Mas eu não pretendo deixar de participar da vida sindical. É uma questão de sobrevivência, não há escolha.

FELIPE ROSA

Professor do Instituto de Física e 1º vice-presidente da AdUFRJ (2019-2021)



Quando anunciei minha decisão de concorrer à direção da AdUFRJ, lá em 2017, vários dos meus colegas reagiram com certo espanto. “Você está louco de se meter com isso!”, diziam alguns; “É uma perda de tempo enorme”, argumentavam outros. Mas tínhamos acabado de passar por um ponto de inflexão dois anos antes com a vitória da primeira chapa de oposição em muitos anos, e eu achava que era a minha vez de “ir para o sacrifício”, ou seja, me afastar um pouco da vida acadêmica e colaborar com esse novo projeto de associação sindical. Pois bem: 4 anos e 2 mandatos depois, o que

dizer?

Bom, desde logo é preciso dizer que meus colegas não estavam totalmente errados: foi uma certa loucura achar que, sem jamais ter participado de qualquer movimentação política, eu poderia ser um diretor sindical. Depois de nossa posse, foram alguns meses sem entender quase nada do que estava acontecendo, e mais outros tantos até conseguir “tirar as rodinhas da bicicleta”. Felizmente, como eu não tinha noção da minha própria ignorância, pude ir aprendendo sem medo de passar vergonha, e ali no meio do 2º mandato eu já era um sujeito

“Você está louco de se meter com isso!”, diziam alguns; “É uma perda de tempo enorme”, argumentavam outros. Mas tínhamos acabado de passar por um ponto de inflexão dois anos antes com a vitória da primeira chapa de oposição em muitos anos, e eu achava que era a minha vez de “ir para o sacrifício”

diferente: eu havia atravessado o véu que separa as pessoas “normais” das “politicadas” (que é impossível de cruzar de volta, pois uma vez atravessado, ele desaparece). Junto com todo o aprendizado sobre os meandros da UFRJ, todas as amigas e amigos que fiz, todo o endurecimento causado por disputas nem sempre nobres e toda a exasperação com o chamado “tempo da política”, isso é o que há pra ser dito.

Um forte abraço.

Felipe



MESTRES DA

Estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgado em setembro, revelou que os professores brasileiros têm os piores salários iniciais entre os 40 países do bloco — 37 integrantes e três parceiros. Em média, um docente brasileiro do Ensino Fundamental recebe US\$ 13,9 mil por ano, enquanto nos demais países membros e parceiros da OCDE essa média é de US\$ 35,6 mil. Na Alemanha, o valor supera os US\$ 70 mil. Segundo a pesquisa, os docentes brasileiros no início de suas carreiras recebem menos do que docentes em países como México, Colômbia e Chile. Apesar de receberem os maiores salários, os profissionais universitários no Brasil têm uma remuneração 48,4% inferior em relação à média mundial. (Estudo da OCDE, setembro de 2021)

As mulheres dominam a profissão na educação básica, chegando a ocupar 88% das salas de aulas da educação infantil, mas estão mal representadas na educação superior, com apenas 46% dos postos de trabalho em 2019. (Estudo da OCDE, setembro de 2021)

Pesquisa feita pela Associação Nova Escola aponta que a saúde mental dos professores melhorou em 2021, em comparação com 2020: 47,8% dos profissionais da Educação Básica avaliam que a saúde mental atualmente está “boa” ou “excelente”. Em 2020, eram 26%. A pesquisa foi feita com quatro mil professores, coordenadores pedagógicos e diretores da educação básica em todo o país, entre agosto e setembro de 2021.



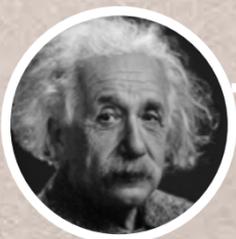
Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.
Rubem Alves



Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
Cora Coralina



O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram.
Jean Piaget



A tarefa essencial do professor é despertar a alegria de trabalhar e de conhecer.
Albert Einstein



Ser professor é apostar na esperança. É trabalhar com algo que não está pronto ainda. É entender-se parte de um processo de transformação.
Leandro Karnal



A aprendizagem resultante do processo educativo não tem outro fim, senão o de habilitar a viver melhor, senão o de melhor ajustar o homem às condições do seu meio.
Anísio Teixeira



Ser professor é poder ajudar os alunos a lidar com a própria humanidade deles.
Luiz Felipe Pondé



O educador se eterniza em cada ser que educa.
Paulo Freire



O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.
Immanuel Kant